

A DIALÉTICA EM KARL MARX: O “FÉTICHE” DA MERCADORIA¹

Paulo Rogério da Rosa Corrêa²
Clademir Luis Araldi³

INTRODUÇÃO

Karl Marx foi um pensador que participou de processos políticos *à quente* em sua época histórica - como bem ressaltou José Paulo Netto em *O método em Marx*. (NETTO, 2008, DVD 1). Pensamos, por exemplo, no *Manifesto do partido comunista* (MARX & ENGELS, 2012) escrito em parceria com Friedrich Engels, para lançar à público o programa político já rascunhado pela liga dos comunistas. Citamos ainda a criação da I internacional socialista e a polêmica disputa pela direção do movimento dos trabalhadores com os anarquistas ligados a Mikhail Bakunin. Ou então nas barricadas da Comuna de Paris (1871) quando os franceses promoveram o “assalto ao céu” e estabeleceram um governo dos trabalhadores por quase cem dias. O que se

¹ Trabalho apresentado na semana acadêmica do curso de filosofia da Universidade federal de Pelotas (UFPEl), agosto de 2015.

² Graduando em filosofia licenciatura pela UFPEl.

³ Prof. Dr. Orientador do departamento de filosofia da UFPEl.

desprende desse enunciado é que o método utilizado por Marx não pode ser estudado de maneira razoável sem que as peculiaridades e os embates que o autor travou no seu tempo histórico sejam tomados em consideração. A vinculação orgânica das ideias de Marx com a política e os movimentos revolucionários da Europa do século XIX se expressa com clareza na famosa tese de número XI que o autor dirigiu a Ludwing Feuerbach: “*Os filósofos se limitaram a interpretar o mundo diferentemente, cabe transformá-lo*”. (MARX, 1985, p.53).

A dialética – como lembra J.P.Netto (2008) - é um dos três pilares constitutivos da obra marxiana estando articulada à perspectiva da revolução (entendida como supressão das estruturas da ordem burguesa) e ao protagonismo da classe operária como sujeito histórico revolucionário. Sendo assim, o objetivo desse artigo – em que pese a sua modéstia – é analisar a formulação de Karl Marx sobre o “fetichismo” da mercadoria a partir da sua proposta de dialética. Nesse entendimento, é necessário refletir sobre a construção/reconstrução que o autor propõe à dialética na articulação com o materialismo-histórico e a *práxis* social no desvelamento das construções sociais de seu tempo.

A respeito do método dialético é preciso ressaltar que o próprio Marx não deixou escritos sistemáticos na qual mostrava claramente a sua concepção de dialética⁴, talvez a urgência de questões políticas e revolucionárias tenham impedido tal feito. No entanto, é preciso levar em consideração a ressalva feita por José Paulo Netto de que ao não deixar escritos organizados sobre sua concepção de dialética Marx demonstra que não entende o método como um elemento à parte do objeto de estudo. (NETTO, 2008). O método, nesse sentido, não é um conjunto de regras e procedimentos formais aplicados na

⁴ Exceção feita a algumas linhas da introdução da obra *Para a Crítica da economia política* que abordaremos mais adiante.

análise da realidade, não existe em separado do seu objeto de estudo; deve estar a ele articulado de tal modo que deve ser capaz de desvelar a constituição interna dos fenômenos, a estrutura que lhe dá sustentação e sentido. A dialética em Marx, seguindo nisso Hegel, é uma ontologia, deve ser capaz de decifrar o caótico do real, de decodificar a essência por de trás das aparências e de denunciar a configuração fetichizada (ou reificada) que assume as relações sociais na sociedade capitalista. No entendimento de Jacob Gorender, um dos estudiosos da obra marxiana: “A dialética do pensamento se torna a reprodução teórica da dialética originária inerente ao ser”. (GORENDER, 2013, p.49). A dialética é simultaneamente o movimento que o pensamento faz em direção ao objeto com a finalidade de apreendê-lo e também o próprio movimento que o fenômeno realiza.

Dialética e práxis social

A condição *sine qua non*, o gatilho de entendimento da dialética marxiana é o pressuposto de que para entender os homens e as suas construções sociais, é preciso entender a sociedade que estes homens vivem, pois é nessa sociedade que eles constroem suas relações, se defrontam com condições materiais/estruturais, políticas, ideológicas, etc. que são a ele relegadas e transmitidas pelas gerações que o antecederam⁵. No entendimento de Marx a cabeça dos indivíduos está onde seus pés estão. Isso compreende dizer que para entender os indivíduos reais é necessário entender que o primeiro pressuposto de toda a história é a existência de indivíduos vivos (para fazer história os indivíduos têm de realizar certos atos como, comer, vestir-se,

⁵ Como é explicitado pelo autor numa obra posterior chamada *O 18 Brumário de Luís Bonaparte*: “Os homens fazem sua história, mas não a fazem como querem; não a fazem sob circunstâncias de sua escolha e sim sob aquelas com que se defrontam diretamente, legadas e transmitidas pelo passado”. MARX, K. *O 18 Brumário de Luís Bonaparte*, 1974, p. 17.

abrigar-se, etc., por exemplo). É preciso apreender, portanto, as diversas conexões que os indivíduos estabelecem com a natureza e com as formações sociais de seu tempo ao produzirem a sua própria existência. (MARX & ENGELS, 2005). Ao estabelecer essa proposta Marx opera um deslocamento em relação a Hegel. A dialética não é mais o desvelamento do espírito que se desdobra ao longo do tempo em busca de sua auto-realização; passa a ser o desvelamento da produção material da existência social sob uma determinada configuração histórica. A dialética em Marx deixa a sua cor idealista para articular-se ao materialismo-histórico.

No entendimento de Karl Marx, na produção dos meios de existência, os homens produzem indiretamente a sua própria vida material, não apenas de uma maneira física, mas como uma forma determinada de atividade, de uma manifestação de vida determinada. O pensador vai dizer na obra *A ideologia alemã*:

Da maneira como os indivíduos manifestam a sua vida, assim, são eles. O que eles são coincide, portanto, com sua produção, tanto com *o que* produzem como com o *modo* como produzem. O que os indivíduos são, por conseguinte, depende das condições materiais de sua produção (grifos do autor). (MARX & ENGELS, 2005, p. 44-45).

A maneira como a produção está assentada condiciona a maneira como os indivíduos se relacionam, como intercambiam os produtos de sua atividade, cooperam uns com os outros e contraem certas relações sociais. Estas relações são historicamente situadas e eminentemente sociais (que o autor nas obras tardias chamará de modos de produção). A dialética, assim, funde-se com o materialismo-histórico e para desvelar a constituição interna de seu objeto de estudo deve abarcar as condições materiais de existência dos homens e suas formas de relacionamento, desembocando numa crítica da

mistificação, do fetichismo e das ideologias (as formas invertidas de manifestação da realidade na consciência dos homens que se apresentam de maneira autônomas frente à totalidade social).

O filósofo brasileiro Leandro Konder (2003) escreve que a dialética marxiana está articulada a dois outros pontos no processo de construção do conhecimento: a desconfiança e a autoconfiança. A desconfiança vem da ligação com o conceito de ideologia, essa pode ser tão sutil, como forma de se manifestar, que o sujeito não percebe ela infiltrar-se em seus pontos de vista, em suas análises. Já a autoconfiança vem da ligação com o conceito de *práxis*, da atividade do sujeito que ao interferir no mundo transformando-o, transforma a si mesmo. Como escreve Konder a dialética marxiana busca articular a crítica das ideologias à *práxis*. Há, portanto, um condicionamento recíproco entre a dialética, a ideologia e a *práxis*.

A *práxis* precisa da crítica das ideologias para melhorar o conhecimento com base na qual se orienta, a crítica das ideologias precisa ao mesmo tempo contribuir para o questionamento da *práxis*. Cada uma das duas, então, precisa da outra. E ambas necessitam da dialética (como a dialética necessita de ambas) (KONDER, 2003, p.5).

Assim como Konder, outro pensador importante dentro do campo marxista teoriza sobre a imbricação entre dialética, ideologia e *práxis*. O filósofo Tcheco Karel Kosik (1976) refere-se que a dialética marxiana, por entender que a realidade é em si mesma dialética, deve tratar da “coisa em si”, contudo, “a coisa em si” não se manifesta a primeira vista, de maneira imediata ao homem; para chegar a sua compreensão é necessário percorrer um árduo e tortuoso caminho, deve-se fazer um esforço, um desvio (*detur*). Sendo assim, o pensamento dialético deve distinguir entre a representação e o conceito da coisa (que o filósofo não põe apenas como graus diferentes do conhecimento da realidade, mas, sobretudo, como duas qualidades da *práxis* humana). Para Kosik, como a aparência não manifesta diretamente o fundamento oculto das

coisas, a essência tem de ser descoberta mediante uma determinada atividade, uma atividade peculiar que, para o autor, com assim para Marx, manifesta-se nos afazeres da ciência e da filosofia⁶. Dentro desses pressupostos a tarefa da filosofia, da ciência e da dialética, em especial, é realizar a separação entre a aparência e a essência do fenômeno, separar o que é secundário do que é essencial; separação que surge com a necessidade de mostrar a coerência interna e o caráter específico do fenômeno, bem como as diversas mediações existentes entre o fenômeno e a essência. Neste processo o secundário não é abandonado como irreal ou ilusório, mas revela seu caráter secundário justamente na demonstração da verdade existente na essência da coisa.

O fetiche da mercadoria em *O capital*

O desvelamento da mistificação do “feticismo” posto como tarefa da dialética proposta por Marx deve estar articulado ao terreno da *práxis*, a esfera onde o homem atua como ser “ontocriativo”, como ser que transforma a realidade e é capaz de compreendê-la, transformando a si mesmo, na medida em que atua e reflete sobre o mundo.

Na introdução da obra *Para a crítica da economia política* (1982), Marx faz uma breve, mas frutífera, exposição sobre a sua compreensão a respeito da dialética. O ponto de partida inicial do pesquisador dialético é a realidade dada, a sua expressão fenomênica. Ao partir desse ponto o que se tem é uma

⁶ Este esforço que deve ser feito para se chegar à essência dos fenômenos pode não ser suficiente; quem realiza o esforço pode perder-se ou desviar-se sem chegar assim ao objetivo ou chegar de maneira incompleta a ele. A referência a atividade da filosofia e da ciência na descoberta do fundamento oculto das coisas não pode ser feita de maneira apressada a ponto de nos levar ao cientificismo (a primazia da ciência sobre os outros aspectos da atividade humana), o que tanto Marx quanto Kosik se referem é que existem *diferentes* modos de apropriação do mundo pelos homens: o teórico, o prático-espiritual, o religioso, o artístico, o matemático, etc. e que cada modo de apropriação da realidade, “é uma atividade baseada na práxis objetiva da humanidade, e portanto, ligada a todos os outros modos, em medida maior ou menor.” KOSIK, K. **A dialética do concreto**. 5ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976. p. 24-5.

totalidade caótica, nebulosa e pouco explicativa. É preciso, portanto, negar a aparência factual do fenômeno. Marx dá o exemplo da população, esse conceito aparece indeterminado e é preciso fazer um desvio (*detour*) visando às categorias de mediações. A população tem como pressuposto as classes sociais, e estas por sua vez estão apoiadas no trabalho, na produção material, no salário, etc. A aparência fenomênica precisa ser negada, conservada em seus elementos estruturantes e superada em prol de uma síntese complexa. Ao ir buscando as categorias de mediação e de determinação o pesquisador chega novamente ao conceito de população. No entanto, essa não é mais um todo caótico e indeterminado, agora ela foi desvelada e mostra-se como uma totalidade concreta e estruturada. A dialética parte do concreto abstrato e através da fluidição dos conceitos desvela o concreto pensado, agora como uma “rica totalidade, síntese de múltiplas determinações” (MARX, 1982, p. 14).

Operando a partir da dialética, Marx no livro I d’*O capital* faz uma crítica radical a aura mística que as mercadorias adquirem na sociedade capitalista. O filósofo diz-nos (ironizando os economistas que o precederam) que a primeira vista a mercadoria parece ser algo trivial, imediatamente compreensível, porém, analisando-a vê-se que ela é algo muito estranho, “plena de sutilezas metafísicas e melindres teológicos” (MARX, 2013, p. 204). Contudo, a estranheza que a envolve não provêm de seu valor de uso, isto é, da necessidade social que a mercadoria satisfaz. Não há nenhum mistério nelas quando observadas sob o aspecto da satisfação das necessidades humanas, como coloca Marx:

De onde surge, portanto, o caráter enigmático do produto do trabalho, assim que ele assume a forma-mercadoria? Evidentemente, ele surge dessa própria forma. A igualdade dos trabalhos humanos assume a forma material da igual objetividade de valor dos produtos do trabalho; a medida do dispêndio de força humana de trabalho por meio de sua duração assume a forma da grandeza de valor dos produtos

do trabalho; finalmente, as relações entre os produtores, nas quais se efetivam aquelas determinações sociais de seu trabalho, assumem a forma de uma relação social entre os produtos do trabalho (2013, p. 206-7).

No dizer de Marx a mercadoria é misteriosa porque esconde as características sociais do trabalho dos homens, “apresentando-as como características materiais e propriedades inerentes ao produto do trabalho” (2013, p. 207). Isto é, as relações sociais, as diversas formas de intercâmbio ocorridas entre os homens no processo de produção aparecem no mundo das mercadorias maquiadas como se fosse uma relação entre os produtos de seus trabalhos, entre coisas. É através dessa dissimulação que os produtos do trabalho se tornam mercadorias. Como lembrou José Arthur Giannotti:

O valor de uso do produto fica bloqueado enquanto estiver no circuito das trocas, e seu valor de troca passa a ser expresso nos termos de *qualquer* outro produto que costuma aparecer no mercado. O valor de uso de um pé de alface que produzo para a venda precisa se exprimir numa certa quantidade de valor correspondente a cada um dos objetos que comparecem ao mercado. Todos os produtos se tornam, assim, comparáveis (GIANNOTTI, J. 2013. p. 91-2).

As relações sociais que foram tecidas durante o processo de produção, bem como o trabalho concreto (também chamado pelo autor de trabalho útil) impresso na confecção das mercadorias, ficam escamoteadas quando estas são trocadas no mercado. Ou seja, o trabalho com suas características e peculiaridades (bem como as dadas relações sociais estabelecidas durante o seu processo), ao adquirir a forma de mercadoria e circular no mercado através da troca, é confrontado com outros trabalhos concretos diferentes do seu (materializados em mercadorias de valores-de-uso diferentes) em uma relação de igualdade quantitativa de mesmo dispêndio de trabalho. Tal fato implica a negligência tanto das peculiaridades desses trabalhos concretos, quanto dos valores de uso das mercadorias. Marx chama a atenção para o fato de que para dois produtos totalmente diferentes quanto a

sua utilidade (valor de uso) possam ser trocados têm de ser encontrado algo que sirva como parâmetro no qual possam expressar o seu valor. O que dois produtos totalmente diferentes têm em comum é que ambos foram feitos por trabalho humano, porém existem diferentes tipos e formas de trabalho, cada um deles com diferentes configurações e peculiaridades. Então, no processo de troca trabalhos concretos são iguados através de uma abstração daquilo que as mercadorias são enquanto possuidoras de valor de uso. Isto é, retiram-se das mercadorias essas diferentes características, porém o que sobra ainda é trabalho, trabalho geral, abstrato. Ao se processar esse movimento de troca tanto o valor de uso das mercadorias quanto o trabalho concreto desaparecem sob a forma de valor. Tomamos um exemplo: as características e as peculiaridades do trabalho do plantador de trigo: lavrar a terra, cuidar das sementes, plantar, colher, etc. bem como as relações sociais estabelecidas durante este processo – o contato que estabeleceu com outros homens no cuidar da terra, na plantação, na colheita ou durante o pagamento de seu salário, etc. fazem com que este trabalho seja diferente em características, peculiaridades e relações sociais, de outro tipo de trabalho (poderíamos pegar o trabalho do vidreiro como exemplo). São justamente essas características e peculiaridades que ficam escondidas na hora da troca do trigo pelo vidro. A única coisa que ambas as mercadorias (trigo e vidro) tem em comum é que continuam sendo fruto de trabalho humano; agora não mais trabalho concreto, mas trabalho abstrato porque indiferente as peculiaridades do processo produtivo⁷.

Marx concorda com Hegel que o trabalho é a mola propulsora do desenvolvimento humano, que é através dele que o ser humano se realiza, transforma a natureza a sua volta e no ato dessa transformação transforma a si

⁷ Marx sinaliza que essa abstração se intensifica no processo de troca quando as mercadorias são confrontadas diretamente com o dinheiro (que cumpre a função de equivalente geral de todas as outras mercadorias, base a qual estas passam a expressar seu valor).

mesmo. O trabalho é assim, nas suas palavras: “eterna necessidade natural de mediação do metabolismo entre homem e natureza e, portanto, da vida humana” (MARX, 2013, p. 167). No entanto, fustiga ironicamente o mestre da filosofia clássica alemã argumentando que o único trabalho que Hegel conhece e reconhece é o trabalho intelectual, o trabalho abstrato do espírito. Na sociedade capitalista, o trabalho que deveria ser fonte de realização do ser humano acaba sendo subordinado ao comando do capital gerando opressão, alienação e definindo a extração da mais-valia do trabalhador (KONDER, 1981). Sem entrar em uma explicação mais densa e detalhada do que é, e de como se processa a sua extração, pode-se dizer que a mais-valia (também chamada de mais-valor) é a parcela de trabalho feita pelo trabalhador que não é paga pelo capitalista. Isto é, o trabalhador trabalha um número X de horas e recebe um salário Y , nesse processo, Marx desvendou que o salário Y que o trabalhador ganha na verdade não corresponde a X horas, mas a somente $X/2$ de horas. Assim, ainda ficaram sobrando outros $X/2$ de horas que não foram pagas pelo salário, ou seja, o trabalhador não recebeu nenhum salário para trabalhar essas horas a mais, e é justamente o trabalho feito nessas horas a mais (trabalho excedente) que o capitalista expropria do trabalhador e adquire, assim, a forma de lucro. A mais-valia é, portanto, a diferença entre o valor pago pela força de trabalho (que também é uma mercadoria) e o valor que o trabalhador cria ao produzir as mercadorias. Ao teorizar sobre a mais-valia – a expropriação privada do trabalho coletivo na sociedade capitalista – Marx busca superar aquela visão que considerou unilateral em Hegel. Este reconhecia apenas a dimensão positiva, criativa do trabalho, mas negligenciava sua dimensão negativa, fetichizada.

As mercadorias – frutos de trabalhos concretos – ao entrarem no mercado capitalista – fato possivelmente devido a equivalência de trabalhos abstratos nelas contido – não trazem escrito na testa às peculiaridades do

processo produtivo, não fazem qualquer menção ao suor e ao sangue do trabalhador, nem as agruras passadas com seu patrão. Assim, a relação que deveria aparecer entre produtores é substituída pela relação entre coisas (reificação). A sociedade capitalista comete dessa forma uma dupla reificação: submete o trabalho concreto ao trabalho abstrato escamoteando nesse ato as peculiaridades dos processos produtivos e, por segundo, submete o valor de uso das mercadorias por seu valor de troca. Não que o valor de uso desapareça ou é cancelado, no entanto, ele vai aparecer de maneira subordinada ao valor de troca. Como escreve Marx:

É apenas uma relação social determinada entre os próprios homens que aqui assume, para eles, a forma fantasmagórica de uma relação entre coisas. Desse modo, para encontrarmos uma analogia, temos de nos refugiar na região nebulosa do mundo religioso. Aqui, os produtos do cérebro humano parecem dotados de vida própria, como figuras independentes que travam relação umas com as outras e com os homens. Assim se apresentam, no mundo das mercadorias, os produtos da mão humana. A isso eu chamo de fetichismo, que se cola aos produtos do trabalho tão logo eles são produzidos como mercadorias e que, por isso, é inseparável da produção de mercadorias. (2013, p. 167).

O fetichismo é, portanto, a aura mística que envolve as mercadorias como se estas fossem autômatos independentes de qualquer trabalho humano; é no fetichismo que as características do trabalho humano são ocultadas, escamoteadas. Nessa relação, os produtos dos trabalhos privados (produtores individuais) que formam a totalidade do trabalho social só se mostram durante o processo que a troca estabelece entre os produtos do trabalho e, por meio destes, entre os produtores. Para os produtores as relações sociais entre seus trabalhos privados aparecem como relações materiais entre pessoas e relações sociais entre coisas, e não como relações sociais diretas entre indivíduos em seus trabalhos. Tal fato só é possível porque durante a troca os produtos do trabalho humano adquirem uma realidade socialmente homogênea, distinta de

sua heterogeneidade de mercadorias portadoras de valores de uso e de seu processo de produção como trabalho concreto.

Para Marx esse processo nem sempre é perceptível aos homens, aos produtores particulares; ao igualar na permuta os valores de produtos diferentes (valor de troca) igualam também seus trabalhos diferentes sob a forma de trabalho humano, trabalho geral. Toda essa gama de processos fica escamoteada, transforma-se num – nas palavras do autor – “hieróglifo social”, ainda que seja um produto social dos homens: “Para estes [produtores], a própria atividade social possui a forma de uma atividade das coisas sob cujo controle se encontram, ao invés de as controlarem” (MARX, 2013, p.210).

Ao produtor que exerce a troca no interior do circuito capitalista o que importa é a quantidade de mercadorias que ele consegue trocar pela sua, a proporção fixada ao longo do tempo naturaliza a quantidade intercambiável como algo intrínseco à natureza dos produtos do trabalho. A submissão do valor de uso ao valor de troca, do trabalho concreto ao trabalho abstrato, é o fetiche da mercadoria, o processo de reificação no qual o próprio produtor de mercadorias é submetido às vontades do produto que criou. Assim, a criatura parece adquirir vida própria, independente do criador. Marx reitera o caráter histórico dessa forma de troca, só possível no capitalismo – que produz a própria força de trabalho como mercadoria. Em outras formações históricas como o feudalismo, por exemplo, devido a intensa ligação social entre os seres humano a troca dos produtos de seus trabalhos aparece como as suas próprias relações sociais. É no capitalismo que a troca dos produtos sociais entre os produtores aparece como a mera troca de mercadorias: “Uma formação social em que o processo de produção domina os homens, e não os homens o processo de produção”. (MARX, 2013, p. 216).

Considerações finais

Ao analisar o “fetiche” da mercadoria e como ela escamoteia o fruto do trabalho humano na sociedade capitalista, Marx demonstra de maneira mais acabada como é o *modus operandi* da dialética. O desvelamento do fenômeno social passou por diversas articulações e mediações, vinculou-se ao terreno da práxis e a crítica das ideologias. O método dialético parte da expressão fenomênica faz as abstrações necessárias ao processo de conhecimento e retorna a realidade, agora não mais como caótica, mas como o todo estruturado – como o próprio Marx disse – como síntese de múltiplas determinações. No entendimento do pensador alemão, a dialética não é somente uma categoria intelectualiva que organiza a realidade, mas um método capaz mostrar a estrutura da realidade por ser esta dialética em seus próprios movimentos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

GIANNOTTI, J. A. **Considerações sobre o método.** In: Apresentação a obra *O Capital – Crítica da economia política (livro I – O processo de produção do capital)*. São Paulo: BoiTempo, 2013.

GOENDER, J. **Apresentação a obra O Capital – Crítica da economia política (livro I – O processo de produção do capital).** São Paulo: BoiTempo, 2013

KONDER, L. **O que é dialética?** São Paulo: Editora Brasiliense, 1981.

_____. **A dialética e o marxismo.** In: Revista Trabalho Necessário. n° 1-2003. Rio de Janeiro: UFF. Disponível em <www.uff.br/trabalho_necessario/konder%20tn1.html>. Acessado em: 20/06/2015 (aula magna na PUC-RJ em 28/03/2003).

KOSIK, K. **Dialética do concreto**. 5ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

MARX, K. **O Capital – Crítica da economia política (livro I – O processo de produção do capital)**. 7ª ed. Trad. Rubens Enderle. São Paulo: BoiTempo, 2013.

_____ **Para a crítica da economia política**. Trad. Edgard Malagodi e Leandro Konder. São Paulo: Abril cultural, 1982.

_____ **O 18 Brumário de Luís Bonaparte**. 2ª Ed. Trad. Leandro Konder. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1974.

_____ **Teses contra Feuerbach**. Coleção Os pensadores. Trad. José Arthur Giannotti. São Paulo: Abril cultural, 1985.

MARX, K.; ENGELS, F. **A Ideologia Alemã**. Trad. Frank Müller. São Paulo: Martim Claret, 2005.

_____ **Manifesto do partido comunista**. Trad. Sueli Tomazini Cassal. Porto Alegre. L&PM, 2012.

NETTO, J. P. **O método em Marx**. Disponível: www.youtube.com/watch?v=fTHp53Uv_8g Acesso: 20/08/2015.